

Crítica // O melhor esta por vir ★★

PANDORA FILMES/DIVULGAÇÃO



Muito belas intenções

Ricardo Daehn

A mais nova reflexão cinematográfica de Nanni Moretti chega três anos depois do belo *Tre piani*, em que fazia apostas na mudança da forma narrativa. Agora, descaradamente, ele interpreta o cineasta Giovanni, afundado em crises criativa e pessoal. Numa das frentes, Giovanni se esforça para retratar a invasão russa à Hungria, em meados dos anos de 1950. Nisso, despontam figuras familiares como Silvio Orlando e Mathieu Amalric, personagens da feitura dos filmes. Já em casa, o diretor

enfrenta os primeiros desacordos com a esposa (papel de Margherita Buy), que ainda acumula a função de produtora dos filmes dele. Por fim, denunciando a falta de unidade do roteiro, está criada a impossibilidade da realização do filme dentro do filme.

Ambicioso, o realizador considerado o melhor diretor no Festival de Cannes com *Caro diário* (1994) e ainda vencedor da Palma de Ouro com *O quarto do filho* (2001) perde o norte, ainda que cause com a aquisição de participações especiais de atores sociais como o arquiteto Renzo Piano e a

ensaísta, matemática e comunicóloga Chiara Valerio. São hilárias as presenças deles que servem como reforços nas teorias de Giovanni (no fundo, o próprio Moretti), incapaz de aceitar a popularidade da invasão gráfica da violência no cinema. Inconformado, ele pretende até acionar Martin Scorsese para demarcar, frente a um falso pupilo, os limites da representação de sangue e afins.

Ainda que se embane com a clareza e dinâmica do filme, Moretti encanta, ao recorrer a referências pertinentes e que alcançam uma música de Fabrizio de André, além da citação a *Et si tu n'existais pas* e *Sono sole*

parole, com piscadelas de cinema com os instituídos *A doce vida* e *Lola*. Com a incredulidade de ver a filha apaixonada por um idoso, Giovanni terá dois momentos de brilho absoluto. Num, muito divertido, repreende uma asiática que traduz, em tempo real, a discussão que ele protagoniza com a esposa, e, noutro, supremo, a Netflix, a partir de dois tapados executivos, é representada como grande inimiga da difusão de produtos culturais não pasteurizados. É desconcertante ouvi-los, a todo momento, se gabarem de que a empresa chega a casas de nada menos que 190 países.

O melhor está por vir: crise criativa e pessoal